

A natureza encerra uma ordem que só o artista a consegue revelar e reconduzir. "DesCobrir" a sua estrutura oculta não é tarefa fácil, implica que o sujeito se perca e se reencontre na mesma. Só a experiência e a intuição poderão garantir a capacidade e segurança necessárias para empreender com sucesso tal busca.

A tomada de decisões é uma constante da vida e nesse aspecto a pintura não é diferente. Dar um passo em frente pressupõe a existência de todo um "património" que sustente essa construção. "Abandonar" o que já é um dado adquirido e mergulhar no mundo das possibilidades implica coragem e determinação. Sérgio Costa consegue de um modo inequívoco conciliar o seu percurso artístico. As suas pinturas presentes revelam esse equilíbrio e maturidade.

O artista sente, regista e reinventa o mundo. Constrói espaços de evasão em que a componente sensorial tem grande intensidade. O ponto de partida a "tela", o ponto de chegada os sentidos. Embora o grande papel seja representado na visão todos os sentidos são invadidos e sugestionados. Longe do quotidiano, afastado das referências humanas, estes espaços e superfícies conciliam o real com irreal, o de "dentro" com o de "fora", o simples com o complexo, o pormenor com o amplo, o imensamente grande e pequeno.

A forma, a luz, a cor acumulam-se, o todo é feito de pequenos nada. Cada forma, gesto ou pincelada dá origem a um jogo complexo rico em ritmos e fragmentos. Do mesmo modo que as formas da natureza resultam e estão sujeitas à erosão, ao passar do tempo, também a pintura surge e acontece como a "soma" de uma série de acções visíveis ou não, de momentos que resistem e se perpetuam sobre aqueles que apenas ficam na memória.

O prazer de pintar e o desejo de transformar a matéria bruta em expressão plástica foi sempre e permanece uma necessidade.

Luís Pissarro
Julho 97